

DIDÁTICAS DA GEOGRAFIA: O CASO DOS BONECOS DE PANO

DIDACTICS OF GEOGRAPHY: THE CASE OF THE CLOTH DOLLS

Cláudio José Bertazzo¹ (UFG)

Resumo: Nas aulas de estágio, no projeto do PIBID e nas atividades práticas, inseriu-se a estratégia de construção de bonecos de pano como um meio que viabilizasse a aprendizagem pela pesquisa e oportunizasse aos licenciandos aperfeiçoarem suas formas de intervenção com alunos da educação básica. A metodologia do trabalho consistiu em que cada aluno criasse uma personagem fictícia com uma história de vida, situada em um estado brasileiro. Os resultados confirmaram que o boneco de pano, enquanto recurso didático, proporciona aos alunos a compreensão da realidade ao se apropriarem de diferentes conhecimentos do meio sociocultural e econômico no qual estão inseridos e daqueles que tiveram acesso através de livros e da internet, durante a investigação. Conclui-se que a estratégia opera aprendizagem significativa e impulsiona os discentes para construir conhecimentos por meio da pesquisa. Neste contexto, a escola, através da prática pedagógica contribuiu para a formação de sujeitos mais criativos e participativos, no meio em que vivem.

Palavras-chave: Aprender pela pesquisa; Didática, Estratégia de ensino; Personagens dos territórios.

Abstract: *In the internship classes, in the PIBID project and in the practical activities, the strategy of constructing cloth dolls was introduced as a means to make learning possible through research and gave the opportunity to the students to improve their forms of intervention with students of basic education. The methodology of the work consisted in that each student created a fictitious character with a life history, located in a Brazilian state. The results confirmed that the cloth doll as a didactic resource provides students with an understanding of reality by appropriating different knowledge of the socio-cultural and economic environment in which they are inserted and of those who had access through books and the internet during the research. It is concluded that the strategy operates meaningful learning and encourages students to build knowledge through research. In this context, the school, through the pedagogical practice contributed to the formation of more creative and participative subjects, in the environment in which they live.*

Keywords: *Learning by research; Didactics, Teaching strategy; Characters of the territories.*

¹ Doutor em Geografia pela UNESP de Presidente Prudente (2009). Professor Adjunto na Universidade Federal de Goiás (UFG) - Regional Catalão. E-mail: cbertazzo@gmail.com

Introdução

“sabemos que existen experiencias y materiales didácticos de enseñanza de la Geografía muy interesantes, tanto en España como en Brasil y en toda Latinoaméric.” (GARCÍA-PÉREZ, 2015, p. 24).

Observa-se que as habilidades docentes, ao lado das competências e atitudes (CHA) dos discentes dos cursos de professorado são produtos intelectuais cada vez mais requisitados pelos demandantes de Educação formal. Estas também são necessárias nas situações e contextos informais de ensino e educação. A formação docente passa por processos de aperfeiçoamento e são muitos os atores sociais a colocar em questão a situação dos egressos das Licenciaturas das Instituições. Brasileiras. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Fundação CAPES), querendo influir neste processo veio a criar o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) no ano de 2007. A intenção da CAPES com o PIBID é de fortalecer, incentivar e valorizar o magistério e a formação do professorado com vistas a obter melhorias na educação básica.

Tem-se trabalhado com a formação de professores nos dois últimos decênios. Também se participou como protagonista e da coordenação de área do PIBID entre 2011 e 2014. Nestas situações e experiências, foram feitas reflexões, testes, provas, falseamentos sobre as práticas mais comuns na formação de professores². Tudo se fez em busca do aperfeiçoamento e desenvolvimento das CHA dos licenciandos.

Como se sabe, o ofício de mestre é o resultado de uma construção gestada na Universidade/Faculdade em parceria com as escolas de educação básica. Há fundamento teórico importante, legislações, portarias e etc. que regem as práticas de ensino. Entretanto, os mestres emergem e se fortalecem na experiência da sala de aula. Habilidades não são teóricas, têm suas raízes nos contatos teóricos, mas, no momento oportuno das intervenções em contextos escolares, manifestam-se. Os professores em formação as criam e recriam. Acertam e fracassam. Entretanto, não param! Não retrocedem. Os talentosos ficam mais talentosos. A universidade não deveria forjar mediocridades. A ética aponta para a reconstrução de uma carreira universitária, que se comprometa em desenvolver nos licenciandos em formação os desejos, aspirações, competências, habilidades e atitudes para o magistério.

² Parte desse processo foi publicado em “O PIBID, a Geografia e as estratégias de ensino”, disponível em <https://www.revistas.ufg.br/sv/article/viewFile/38217/19358>

BERTAZZO, Cláudio José. **Didáticas da Geografia**: o caso dos bonecos de pano.

A linha condutora desta sistematização avança com a estratégia de ensino pela pesquisa por meio da construção de bonecos de pano. Este foi, e é, o desafio para os aspirantes ao magistério que passaram sob a batuta deste formador de professores. A estratégia e a modalidade desse trabalho têm sido capazes de liberar as habilidades e colaborar para a construção da docência da mediação em que os sujeitos alunos são centrais no processo de internalização do conhecimento.

A Geografia e a formação do professorado

Na pesquisa intitulada “Como se ensina Geografia em Catalão?”, investigou-se, por meio da participação nos eventos e aulas da amostra escolar selecionada, o estado da arte do Ensino de Geografia, naqueles espaços-tempo³.

A pesquisa apontou aspectos que precisavam ser abordados na formação de professores. Concluiu-se que a formação de professores estava carente de intensificação do uso de estratégias e metodologias (didáticas) que permitissem a aprendizagem dos saberes acadêmicos em linguagem acessível aos sujeitos da educação básica. Percebeu-se que não eram necessárias apenas inovações, entretanto, resta(va) inadiável resgatar saberes-fazeres que foram utilizados por professores precursores e que nos proporcionaram modelos de abordagem e de ensino de temas geográficos áridos e de complexidade que exigem paciência e cautela para construção do conhecimento e aprendizagem significativa. Mas, também é necessário inovar, afinal há tantas técnicas e tecnologias disponíveis.

Sabe-se que os alunos aprendem por necessidade. Muitos professores conseguem transformar os conteúdos que apresentam aos escolares, geralmente, em coisas fúteis, desnecessárias e irrelevantes para as classes. Então, como motivar os alunos para aprenderem e se interessarem por uma Geografia que não se contextualiza para lhes ensinar seus conceitos e que não entrelaça suas vivências e situações cotidianas com o conteúdo a ensinar?

A Geografia dos formadores de professores e a Geografia da Educação Básica (EB) resistem em percorrer uma direção e uma trilha em que a vida e a vivência dos discentes são importantes e necessárias para o ato de ensinar. A aprendizagem está vinculada aos interesses e necessidades dos sujeitos ativos deste processo. Já não se questiona mais como os sujeitos aprendem? Eles aprendem, efetivamente, quando são sujeitos ativos do processo

³Os resultados dessa pesquisa podem ser vistos no artigo “Prospectivas para o ensino de Geografia”, em <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/8960>. DOI: 10.5902/223649948960.

BERTAZZO, Cláudio José. **Didáticas da Geografia**: o caso dos bonecos de pano.

(DEMO, 2003, 2009). Contudo, resistem aos processos apassivadores e fragmentadores de suas identidades, de suas vivências e experiências cotidianas, suas práticas e percepções do mundo natural, das relações sociais, da situação econômica, da miséria e da falta das coisas. Da carestia. E tantos mais. Está posto por muitos autores (CASTROGGIOVANNI, 2000; DEMO, 2003, 2009; 2015; GARCÍA PÉREZ KAERCHER, 2003; PONTUSCHKA, 2002) que os discentes esperam planejamentos didáticos que os incluam, que lhes planejem e estruturem situações de ensino em que estejam inclusos, que exerçam ações enquanto aprendem, que se lhes ponham ativos e necessários diante dos conceitos e teorias.

Se, porém, a formação de professores não se voltar para isso, não haverá limite para a decadência da Educação Básica (EB). Os resultados das avaliações só irão piorar. Já está passando o tempo para a graduação começar a preparar o Professor para realizar pesquisas na EB? (KAERCHER, 2003) A formação de professores focaliza seus conteúdos com atenção ao ensino fundamental (EF) e ao ensino médio (EM). Entretanto, não focaliza os conteúdos no aluno. O conteúdo exerce a autoridade sobre todos e passa a ser ministrado como um pacote dogmático. O aluno é só mais um objeto, dentre tantos outros presentes, nas situações de ministrações dos cursos de preparação do professorado.

Onde e quando se poderão incluir temáticas geográficas dos alunos presentes? Sim, não se está a falar de tempo. São os sujeitos presentes. Quando um projeto de ensino se embasa na pesquisa, o professor que estuda saberá e entenderá *os modus* como tramará os conteúdos a ensinar com as situações da vivência de seus alunos. Isto o faz um intelectual? É muito provável.

A educação exige tempo para planejar e criar estratégias. Exercer as competências didáticas. Aos que se incomodam com os desinteresses apresentados pelos alunos da EB, necessário é investir tempo para planejar, ensinar e educar. Libâneo (2011, p.1) inicia sua reflexão planteando algumas questões (in) pertinentes acerca da Didática:

Então, o que é ter didática? A didática pode ajudar os alunos a melhorar seu aproveitamento escolar? O que um professor precisa conhecer de didática para que possa levar bem o seu trabalho em sala de aula? Considerando as mudanças que estão ocorrendo nas formas de aprender e ensinar, principalmente pela forte influência dos meios de informação e comunicação, o que mudar na prática dos professores?

São perguntas balizadoras para os professores de Geografia e professores em geral. A preocupação com o ensino da Geografia é a base das considerações que se discorre neste trabalho. Eis a razão maior destas palavras: a didática da Geografia. Por conseguinte,

BERTAZZO, Cláudio José. **Didáticas da Geografia**: o caso dos bonecos de pano.

formar professores que dominem este campo de saber e se aprofundem na Geografia e suas didáticas. Prepara-se para a regência da autonomia e da emancipação intelectual. A Geografia como um suporte teórico-prático para afirmação do cidadão e para a participação nos destinos da comunidade.

Trabalhar com Geografia e ser reconhecido pelos alunos e por toda a comunidade relacionada é uma resposta àqueles que se aperfeiçoam em ensinar (em ser didáticos). Ao manter os alunos motivados para aprender, desde situações próprias do alunado, o fascínio com o conhecimento, com a cultura se entrelaçam com o fascínio com o que lhe próprio e cotidiano (CASTROGGIOVANNI, 2000). O novo conhecimento deixa de ser alheio e alienante. Ao contrário, será percebido como descoberta de coisas/saberes compreensíveis, que lhe foram desvendadas numa espiral crescente. E, que passa próximo da percepção e compreensão que detinham, porém, num nível superior. Não anda em círculos. Sim, o conhecimento se potencializa e eleva os sujeitos. É possível que os faça transcender. Um pouco disso. Se educação não leva o sujeito a transcender, é qualquer coisa/qualquer nome. Pode ser adestramento/condicionamento. Isto aprisiona os sujeitos. Coisifica-os! No entanto, educação é emancipação. É alcançar autonomia (FREIRE, 1996). É desenvolver competências para ensinar e aprender. É proporcionar ambiências para a criatividade. É alcançar bem-estar, justiça e aprender a criar os próprios projetos (DEMO, 2003, 2009).

Resta, portanto, mexer na engrenagem que move as correias de transmissão da tradicional fábrica de professorado. Nesse propósito, iniciou-se a trabalhar algumas situações que pudessem colaborar para que os licenciando pudessem investigar e criar. Os estágios e o PIBID também funcionam como uma iniciação à pesquisa. É o momento de aprender e de se encantar com a profissão de Professor. Para estas situações, foram postos desafios diante dos licenciandos para que inventassem e desenvolvessem sua criatividade para que, mobilizando os conhecimentos, colocassem em prática um conjunto de conhecimento de forma vibrante. Na prática, as licenciaturas proporcionam aos discentes a formarem banco de dados. Criam-se copistas das mais diversas habilidades e depois, quando forem enviados para as escolas da EB, eles reproduzirão, bem ou mal, os pacotes que trouxeram da formação. O que seriam deles se não fossem os livros didáticos (LD)?

Reflexionar (aprender a) sobre o que os autores dizem e evitar ficar repetindo o que outros falaram (DEMO, 2003, 2009). Esta habilidade torna os futuros professores críticos dos LD. Livra-os (espera-se) de tornarem-se habituais leitores-intérpretes dos LD ou de

BERTAZZO, Cláudio José. **Didáticas da Geografia**: o caso dos bonecos de pano.

simplesmente apresentarem-se nas escolas da EB como professores-pilotos dos LD. O desenvolvimento das habilidades de refletir e exercer a criticidade argumentadas e fundamentadas possibilita que professores da EB sejam usuários atentos e vigilantes sobre os conteúdos do LD. Isso se alcança pelo constante exercício da expressão argumentativa e da construção de críticas fundamentadas e como produtos da reflexividade. É como intensificar as competências reflexivas (PERRENOUD, 2001). Despertar e preparar o intelecto para desenvolver-se. Reelaborar os saberes, replicar com inovação mostra-se uma prática e um exercício pelos quais se colhe bons resultados (DEMO, 2003, 2009).

Então, investiu-se fortemente contra este processo de fabricação de intérpretes de LD⁴. Incentivou-se o desenvolvimento da imaginação, tanto quanto da aquisição do conhecimento, as quais são importantes competências. Usar a imaginação como competência para planejar e selecionar conteúdos a ensinar. Por muito tempo, pensou-se (e realizou-se) a formação de professores como um processo de aquisição de conhecimentos e de desenvolvimento de competências. Contudo, as competências em conteúdos da Geografia não garantem o processo de ensino. Um professor precisa ser mais do que um conhecedor de eventos e fenômenos!

Espera-se que os futuros professores desenvolvam as competências docentes para que o aprendizado aconteça na forma de uma alteração dos registros internalizados pelos discentes da EB. Se falhar (se faltar) a didática, tudo não passará de discurso e transmissão de informações vazias e inúteis (LIBÂNEO, 2011). Por conseguinte, a informação deve ser exposta e, sobretudo, trabalhada. Em outras palavras, é imprescindível pensar os conteúdos e fazer escolhas didáticas que permitam que tais conteúdos sejam percebidos como necessários e integrantes das instrumentalizações de que os alunos da EB necessitam (PONTUSCHKA, 2002). Assim, para o futuro professor, há a necessidade de lhe estimular a criatividade para o exercício e desenvolvimento das habilidades docentes. Essa competência, entretanto, não se

⁴ Sobre LD (Livro texto) e seus modos de apresentar os conteúdos, García-Perez (2015, p.23) faz uma reflexão muito oportuna ao considerar que: “*En términos generales, se puede afirmar que los contenidos de los libros de texto habituales no suelen abordar los problemas relevantes de nuestro mundo, sino que reproducen un tipo de conocimiento escolar fragmentado, frío, ajeno a los problemas sociales y ambientales reales y despojado de la potencialidad analítica y explicativa propia del conocimiento científico*”. É o que se vê no Brasil, também. Os LD são mantidos longe dos cotidianos dos escolares e não se oferecem como instrumento de construção de saberes. São pacotes de informações que, pela dinâmica do processo escolar, não seduzem os discentes e não são bem recebidos pelos alunos. Suas cores, imagens e diagramações não afastam a apatia com a qual reagem os discentes da EB. Além disso, deve-se evitar os conteúdos inúteis que o LD/livro texto traz em seu projeto editorial.

BERTAZZO, Cláudio José. **Didáticas da Geografia**: o caso dos bonecos de pano.

confunde com inteligência (PERRENOUD, 2001). Muitos demonstram suas inteligências e não são criativos, por isso, copiam. Este é o perigo, dos maiores, dentre todos os que a formação de professores enfrenta.

Incentivar vocações dos futuros professores e não formatar/modelar as mentes para o exercício de um ofício. É disso que se está a plantear aqui. Trabalhar a (e com a) criatividade dos futuros professores. Desenvolver a competências de criar, inovar e trazer soluções aos problemas (ou dificuldades) de ensinar Geografia. Sendo a Geografia uma ciência complexa, com certeza, são complexos os processos para aprendê-la e para ensiná-la. Os praticantes do memorismo não gostam de discutir isso⁵. O caos da EB não permite que se evitem essa postura. Como a formação tem seu foco na EB, os licenciandos que são formados precisam entender os processos de ensinar bem os alunos da EB, a fim de que estes aprendam bem. A Academia e suas escolas de formação de professores de Geografia precisam fazer bem o que foram designadas a fazer: formar professores de Geografia. Quando o fizerem, os índices de avaliação da EB mostrarão isso.

González e García-Perez (2016, p. 97) planteiam que “*um buen professor no se le recuerda solamente por su sabiduria, sino por su capacidad de hacer pensar de forma crítica, a sus alumnos [...]*”. São, nesse sentido, que se encaminham as palavras aqui discorridas, procurando levar os futuros professores de forma crítica e aguçada, que lhes proporcionem enveredar para soluções dos problemas de metodologias de ensino da Geografia.

A questão ultrapassa a necessária preparação didática dos conteúdos da Geografia do Ensino Superior para a EB. A questão é como fazê-la, uma vez que são muitas técnicas e recursos didáticos. O professor formador, por sua vez, disponibiliza os recursos e as técnicas, não os indica. Metaforicamente, significa deixar Chapeuzinho Vermelho (IRMÃOS

⁵ Observe a reflexão de Libâneo (2011, p. 2) ao descrever esse tipo de profissional tão presente em qualquer nível escolar: “O professor transmissor de conteúdo não favorece uma aprendizagem sólida porque o conteúdo que ele passa não se transforma em meio de atividade subjetiva do aluno. Ou seja, o aluno não dá conta de explicar uma ideia, uma definição, com suas próprias palavras, não saber aplicar o conhecimento em situações novas ou diferentes, nem na sala de aula nem fora dela”. E continua com agudez ainda maior: “O que se vê nas instituições de ensino superior é um ensino meramente expositivo, empírico, repetitivo, memorístico. Os alunos desses professores não aprendem solidamente, ou seja, não sabem lidar de forma independente com os conhecimentos, não ‘interiorizam’ os conceitos, o modo de pensar, raciocinar e atuar, próprios da matéria que está sendo ensinada e, assim, os conceitos não se transformam em instrumentos mentais para atuar com a realidade”.

BERTAZZO, Cláudio José. **Didáticas da Geografia**: o caso dos bonecos de pano.

GRIMM) andar sozinha na floresta, apenas com orientações amplas e suficientes para chegar à casa de sua avó.

Formar professores consiste, principalmente, em instrumentalizar sujeitos para a prática da docência autônoma e criativa, capaz de proporcionar um ensino eficaz. Não se trata de moldar/modelar habilidades. (PONTUSCHKA, 2002). A vida e a escola pertencem ao conjunto de coisas imprevisíveis. Não se têm todas as respostas. Porém, uma mente que desenvolve suas competências em criar, inovar e apresentar soluções aos problemas e desafios da educação, da escolarização e da existência estará mais apto a lograr sucesso no ofício de professor. Portanto, as vivências e a experimentação das mais diversas e múltiplas técnicas, metodologias e recursos didáticos consolidarão as bases dos futuros professores para que desempenhem eficazmente o magistério da Geografia. Nessa direção, adverte Perrenoud (2001) que o ato de ensinar é um constante agir na urgência, decidir na incerteza.

Entretanto, quanto à formação de professores de Geografia, restam dúvidas se são bem preparados para as situações de ensino e para o manejo equilibrado das relações alunos-professor e professor-alunos. A tão complexa gestão da classe, especialmente nestes tempos de adolescência ansiosa. A sala de aula é uma amostra do mundo e um exercício da complexa relação ente sujeitos que se complementam, colaboram e competem enquanto se constroem coletivamente. Por conseguinte, se não se desenvolvem as competências, habilidades e atitudes para o enfrentamento sustentável destas relações, resta uma expectativa de conflitos nas relações professores-alunos e mais aprofundamento do abismo em que se encontra a EB.

A Geografia ajuda a construir a cidadania. Instrumentaliza os sujeitos para a autonomia e a construção de suas identidades. Colabora para sua inserção social enquanto sujeitos de suas próprias existências. E, nas palavras de García Pérez (2015, p. 15):

la Geografía puede continuar jugando un papel relevante en la educación de los ciudadanos y ciudadanas de nuestro mundo, quienes, hoy, más que nunca, han de enfrentarse a problemas para cuyo análisis y solución la aportación de la Geografía sigue siendo absolutamente necesaria.

Como se pode observar, García Pérez (2015) não advoga o lugar da Geografia enquanto componente curricular, ele a reafirma, além de reconhecer a necessidade e a relevância desta ciência para a formação cidadã e na formação de competências para analisar e inserir-se como sujeito ativo e participante em seus contextos sociais.

A Geografia pelos bonecos de pano

Em geral, têm-se procurado proporcionar aos professores em formação, o ensino, a aprendizagem, o domínio e o desenvolvimento de estratégias e recursos alternativos para o ensino de Geografia. Estas iniciativas se propõem a enfrentar, minimamente, três deficiências: de aprendizagem; de ensino e metodológica. O enfrentamento da deficiência de aprendizagem se dá pelo incentivo à pesquisa e à investigação. A deficiência em ensinar, por sua vez, enfrenta-se pela experimentação de metodologias que envolvam o lúdico e planejamento de estratégias com intencionalidades bem focadas e factíveis. Esta última desemboca no estudo e na pesquisa de metodologias, novas e velhas, que proporcionem uma superação da deficiência metodológica dos professores mais recentes egressos da academia. Enfim, uma busca por estratégias didáticas para aprender/construir/compreender o conhecimento, as técnicas e as ciências de ensinar.

Um evento significativo desta busca tem sido a construção e a utilização de bonecos de pano como instrumentos para a abordagem de conteúdos geográficos. Como se operacionaliza (ou) esta prática? O passo a passo para os Licenciandos e bolsistas do PIBID, enfim todo o processo de utilização da estratégia de ensino, foi descrito e publicado⁶ na **Revista Polyphonia** (v. 25/1, jan./jun. 2014⁷).

No que se refere à forma de trabalhar com os alunos do EF, permanece a livre escolha para a definição da personagem e se procura trabalhar em grupos para que ocorra a ação colaborativa e o desenvolvimento por meio da dinâmica de grupo. É comum que os alunos da EB estejam desengajados e apáticos. Sem dúvida, seus mestres (todos nós) têm contribuído para este estado de ânimo. Consegue-se, todavia, majoritária participação ao se esclarecer completamente a metodologia, seus fundamentos e os resultados que se vislumbram. Como há uma etapa que é de fazer/construir/costurar os bonecos e suas vestes, o

⁶ Utilizou-se a construção de bonecos de pano para incentivar a inventividade e a criatividade dos futuros professores. Correspondeu a uma estratégia para gerar resultados nos licenciandos e lhes proporcionar uma experiência com a técnica de ensino passível de ser utilizada em suas classes, sempre que entendessem necessário e oportuno. Em resumo, investiu-se em vivenciar e experienciar um recurso didático, que se classifica como um catalizador de emoções, criações, invenções e muita pesquisa para responder aos quesitos inerentes à proposta de construção de perfis de personagens a serem utilizados na ministração de conteúdos geográficos. Nestes conteúdos, o lúdico, a contação de histórias e os processos catárticos se solidarizam, complementam-se e se fundem para a ministração da Geografia escolar e cotidiana das pessoas que vivem nos diversos territórios.

⁷ <https://www.revistas.ufg.br/sv/issue/view/1640>

BERTAZZO, Cláudio José. **Didáticas da Geografia**: o caso dos bonecos de pano.

alunado se integra ativamente à proposta. Ressalta-se que esta estratégia de ensino foi aprendida com a professora Catarina, que exerce o magistério da EB em Porto Alegre.

Assim, aqueles que quiserem conhecer pormenorizadamente a prática junto aos alunos do EF podem acessar a **Revista Emblemas** (v. 11, n. 2, 70-82, jul-dez, 2014)⁸, sendo que o manuscrito se intitula “A construção do conhecimento geográfico pelo lúdico e pelos bonecos de pano”.

A ideia central da metodologia se funda no alargamento da possibilidade de os discentes dos cursos de professorado de Geografia atuarem/intervirem nos ambientes escolares com segurança e com sustentabilidade, estando preparados para o uso do lúdico ao ministrar conteúdos de Geografia. Na prática, a metodologia coloca o alunado em confronto com modos tradicionais de ensino e contribui para a diversidade e para a realização de situações de aprendizagem que lhes permitam gerar conhecimento e mudanças de atitude nos sujeitos em formação.

Também se reconhecem as solicitações da comunidade acadêmica, ávidas por novas estratégias de ensino, cansadas de aulas expositivas (que se designam por aulas de cuspe e giz), dos pseudo-seminários (nos quais os professores assistem às aulas pelas instrumentalidades dos alunos, que quase nada sabem dos temas que abordam), e das leituras de cópias de livros ou de páginas de apresentações dos projetores, por exemplo.

A característica principal das intervenções experienciadas é a utilização de didáticas, estratégias e metodologias não usuais, como, por exemplo, os recursos lúdicos e a representação de personagens através de bonecos de pano, para ensinar conteúdos geográficos e a favorecer a inserção dos sujeitos em formação no mundo da docência. Assim, lograr um pouco de autoestima para enfrentar-se o desprestígio de carreira. Visa a ultrapassar o desinteresse dos alunos da EB pelo uso de diferentes metodologias, envolventes e sedutoras, capazes de ressignificar a relação professor e alunos(as). Os bonecos carregam muito conteúdo/ciência geográfica, mas também é o lúdico, provoca risos e aplausos espontâneos: a descompressão de emoções.

⁸ “A construção do conhecimento geográfico pelo lúdico e pelos bonecos de pano”, disponível em <https://www.revistas.ufg.br/emblemas/article/viewFile/30411/21246>

Considerações finais

A experiência como formador de professores de Geografia que, tendo já experimentado a metodologia dos bonecos de pano com os licenciandos, bolsistas de PIBID e com alunos do Ensino Fundamental, e considerando que tal metodologia é um saber público, aqui está a recomendar o uso e aplicação desta estratégia de ensino em qualquer nível escolar.

Tais eventos que se efetivaram, permitiram testar, comprovar, corrigir e redesenhar os passos e procedimentos metodológicos para um melhor resultado desta técnica de ensino. Trata-se de uma técnica factível, uma trilha metodológica passível de ser construída ou não, dependendo das circunstâncias, dos objetivos, das condições materiais, intelectuais e éticas de cada grupo.

Paralelamente, compreende-se, sobretudo, que a capacitação para o uso dos recursos lúdicos, durante a formação do professorado coopera para o aperfeiçoamento de habilidades docentes. Seu resultado nas turmas em que foi desenvolvido foi significativo, transformou os sujeitos, despertou a autonomia, a criatividade e a inovação.

Especificamente, no caso da estratégia/técnica/metodologia da construção de personagens para os bonecos de pano a fim de efetivar a mediação de saberes que contribuam para a aprendizagem da Geografia, a colheita foi grande. Os sujeitos desinibiram-se. Sentiram-se respaldados pelos bonecos que traziam em sua mão e deram livre curso aos roteiros preparados e, até mesmo, improvisando sem furtar-se ao tema.

Considera-se que, ao utilizarem os bonecos e ao lhe darem vida e voz, os sujeitos experimentam descargas emocionais de modo a libertarem-se de algumas opressões, limitações e complexos de inferioridade que podem carregar consigo, de traumas que porventura possuam. Isto se aproxima, se não se enquadra plenamente, naquilo que se designa como processo catártico.

Ressalta-se, contudo, que a metodologia não tem finalidades de atuar com o emocional ou com o psicológico dos sujeitos. Porém, isto foi uma situação observada entre os licenciandos em Geografia, os quais foram acompanhados durante dois anos e nos possibilitou fazer interpretações. Continuando, o que se observou naquelas turmas e grupos de professores em formação? Ora, constatou-se que os indivíduos se tornaram mais desinibidos para falar, pararam de ensinar olhando para o chão ou para um ponto vazio. Começaram a olhar nos olhos de seus interlocutores. A voz, antes trêmula e vacilante, firmou-se. O corpo e

BERTAZZO, Cláudio José. **Didáticas da Geografia**: o caso dos bonecos de pano.

as mãos passaram a acompanhar as palavras. A desenvoltura tirou-os, pouco a pouco, do encurralamento junto à mesa do professor ou do quadro de giz. Esses resultados foram possíveis depois que eles criaram seus bonecos de pano e suas personagens e começaram a usá-los em suas intervenções.

Registra-se, também, que os professores em formação (licenciandos) se engajaram nas causas que pesquisaram e não se conformaram em apresentar apenas ao professor-avaliador e aos colegas de turma suas pesquisas e a personagem que criaram. Foram às escolas e fizeram além daquilo tudo que o plano de ensino exigia. Gostaram de ser professores com bonecos de pano. Primeiro, experimentaram ser professores-bonecos-de-pano. Alguns não costuraram seus bonecos. Não há problemas nisso. O segredo está no perfil do sujeito criado e dos costumes do território. Os licenciandos precisaram estudar e constituir as identidades das personagens que criaram. Isso os levou a pesquisar muito, isto é, a aprender pela pesquisa e investigação. De fato, algo Imprescindível nestes dias em que cada aluno carrega enciclopédias ao alcance das mãos.

Assim, finaliza-se ratificando que a metodologia/técnica/estratégia de ensino com bonecos de pano foi testada e é de boa qualidade. Está disponível a todos que desejarem uma experiência de ensino e aprendizagem significativa.

REFERÊNCIAS

CASTROGGIOVANNI, A. C. (Org) **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 5º Ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 2003.

_____. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 27 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCÍA PÉREZ, F.F. *¿Puede la enseñanza de la Geografía promover educación ciudadana?* In: RABELO, K.S. de P.; BUENO, M.A. (Orgs.). **Currículo, políticas públicas e ensino de Geografia**. Goiânia: EdPUC Goiás, 2015, p. 15-34.

GONZÁLEZ, Xosé Manuel Souto; GARCIA-PÉREZ, Francisco F. **Preocupaciones y propuestas educativas del profesor Horacio Capel**. Revista Con-Ciencia Social, nº 20 (2016), p. 87-93.

BERTAZZO, Cláudio José. **Didáticas da Geografia: o caso dos bonecos de pano.**

KAERCHER, N. A. A geografia é o nosso dia-a-dia. In: CASTROGIOVANNI, A. C. et al. (Orgs.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões.** Porto Alegre: Editora da UFRGS/Associação dos Geógrafos Brasileiros - Sessão Porto Alegre, 2003.

LIBANEO, José Carlos. **Didática e trabalho docente: a mediação didática do professor nas aulas.** Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/128274750/DIDATICA-E-TRABALHO-DOCENTE-2011#scribd>. Acesso em 07 mar. 2012.

PERRENOUD, Philippe. **Ensinar: Agir na urgência, decidir na incerteza. Saberes e competências em uma profissão complexa.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. (orgs). **Geografia em perspectiva.** São Paulo: Contexto, 2002.

Recebido em 03/09/2018
Aprovado em 15/11/2018